



Artículos y Ensayos

**ALGUNS MECANISMOS NEURÓTICOS NOS CIÚMES, NA PARANOIA E
NO HOMOSSEXUALISMO: ANALOGIA COM A RELAÇÃO TRIANGULAR
AMOROSA DE ‘DOM CASMURRO’**

RODRIGO D’ORIO DANTAS

RESUMO

A proposta do presente artigo é a da análise da relação triangular vivida no romance de Machado de Assis ‘Dom Casmurro’ sob uma base psicanalítica, especificamente no que diz respeito às reflexões retiradas do texto freudiano ‘Alguns Mecanismos Neuróticos nos Ciúmes, na Paranoia e no Homossexualismo’.

Para tanto, sob o olhar psicanalítico – onde o autor caminha, de forma bem sucinta, sobre as estruturas psíquicas, neurose, mecanismos de defesas, inconsciente, dentre outros -, realiza-se uma análise dos personagens dentro do rico romance brasileiro.

Tendo em vista a contribuição psicanalista, apresentou-se os três diferentes níveis que o ciúmes pode abranger de acordo com sua

causa – o medo da perda, a projeção da infidelidade e o homossexualismo – e, ainda, as formas de sua manifestação.

Uma apresentação resumida dos trechos do romance procurou demonstrar os afetos, os sentimentos de culpa e de deslocamento manifestos no ciúmes de Bentinho por Capitu.

Nas considerações finais, foi interpretado que o ciúmes do personagem principal em relação à esposa, refere-se ao mecanismo de projeção de uma tendência à infidelidade que não foi concluída com a esposa do amigo Escobar, mas que permaneceu reprimida enquanto desejo.

Palavras-chave: neurose; ciúmes; homossexualismo; paranoia.



**SOME NEUROTIC MECHANISMS OF
JEALOUSY, PARANOIA AND
HOMOSEXUALITY: AN ANALOGY WITH
THE LOVE TRIANGLE RELATIONSHIP IN
THE NOVEL 'DOM CASMURRO'.**

ABSTRACT

The purpose of this article is the analysis of the love triangle relationship lived by the characters on the Machado de Assis' novel 'Dom Casmurro' under a psychoanalytic base, specifically in regard to the reflections drawn from the Freudian text. Some neurotic mechanisms in jealousy, paranoia and homosexuality.

In order to do so, under a psychoanalytical view - where the author traverses, very succinctly, on the psychic structures, neurosis, defense mechanisms and unconscious, among others - we perform an analysis of the characters inside this rich Brazilian novel.

Given the psychoanalyst contribution, three different levels are presented, in which

Revista Borrromeo N° 5 – Julio 2014

<http://borrromeo.kennedy.edu.ar>

revistaborrromeo@kennedy.edu.ar

ISSN 1852-5704

jealousy may cover according to the basis – the fear of loss, the projection of infidelity and homosexuality – and furthermore, its forms of manifestation.

A summary presentation of excerpts from the novel tried to demonstrate the affections, the frame of mind of guilt and displacement in the manifestation of jealousy by Bento over Capitu.

In closing remarks, it was interpreted that the main character's jealousy towards his wife, refers to the mechanism of projection of a tendency to infidelity which was not completed with friend's wife Escobar, but remained suppressed whilst desire.

Keywords: neurosis; jealousy; homosexuality; paranoia.



Introdução

A proposta do presente artigo é a da análise da relação triangular vivida no romance de Machado de Assis 'Dom Casmurro' - entre os personagens Bentinho, Capitu e Escobar - sob uma base psicanalítica, especificamente no que diz respeito às reflexões retiradas do texto freudiano de 'Alguns Mecanismos Neuróticos nos Ciúmes, na Paranoia e no Homossexualismo'.

Para tanto, inicialmente, será necessária uma breve contextualização teórica da psicanálise – onde o autor caminha, de forma bem sucinta, sobre as estruturas psíquicas, neurose, mecanismos de defesas, inconsciente, dentre outros -, passando sobre os principais pontos do texto de Freud para, somente depois, analisar-se, com base em tais conteúdos expressos, o fundo psicanalítico que envolveu as referidas personagens dentro do rico romance brasileiro.

Passa-se, então, à referida contextualização.

Breves conceitos psicanalíticos e a análise do texto “Sobre o Mecanismo da Paranoia”

Para se analisar o texto – 'Alguns Mecanismos Neuróticos nos Ciúmes, na Paranoia e no Homossexualismo' – inúmeros são os conceitos psicanalíticos que se deve perpassar, inicialmente, para que se possa ter uma base mínima e, a partir disto, tecer algumas reflexões. Neste sentido, como os mecanismos da paranoia estão diretamente ligados às neuroses, eleger-se esta como ponto de partida.

Parte-se da indagação “o que é a neurose para a psicanálise”? De forma geral e primária, pode-se afirmar que é um mecanismo de defesa que se funda a partir do



recalque, e, este, seria o principal recurso do neurótico. Porém, antes de responder a esta pergunta, é necessário lembrar as espécies de estruturas possíveis para o psiquismo. Em gênero, três seriam as estruturas psíquicas: neurose, psicose e perversão.

Por mais que a conceituação entre as três estruturas não seja o objeto do presente trabalho, apenas para dar um toque de diferenciação, resgata-se uma velha parábola psicanalítica que, a partir da narrativa da reação do sujeito frente aos seus instintos, busca-se ilustrar estas complexas estruturas,

Andando pelo mercado, um sujeito está com fome e sem dinheiro para comprar sequer uma maçã, o que faz frente ao seu limite?

1- o neurótico: reconhece a lei, mas reclama dela - vê a maçã, pensa em rouba-la, não rouba e passa vida se culpando por ter sentido o desejo de rouba-la;

2- o psicótico: não sente culpa, não reconhece em seu comportamento o que destoa da realidade aceita em seu meio - come e não entende porque o condenam se ele estava com fome e somente comeu a maçã;

3- o perverso: recusa a lei, sua satisfação passa pela lei, sente um imenso prazer em desafiar regras morais e legais - come, fica feliz e convence a todos que é bom e não comeu a maçã.

E o que seria o psiquismo? De maneira genérica e sem dar a devida profundidade ao conceito, a compreensão da perspectiva freudiana sobre o psiquismo passa pela distinção de três regiões: o consciente, o pré-consciente e o inconsciente, uma forma de organização definidora de nossos atos e ações, da qual não se pode escapar. Com base



nessa inserção teórica, a resposta quanto à questão formulada sobre o que seria a neurose poderia ser dito que é uma estrutura do psiquismo, um modo de funcionamento psíquico daqueles denominados neuróticos.

No sentido de exemplificar a estrutura neurótica, toma-se o sintoma medo como questão que permeia a vida do sujeito por todo o seu ciclo vital e, na medida em que esse sujeito cresce, para Freud, deveria ir superando seus medos e as angústias relativos a cada fase de vida. No entanto, nem sempre esta linearidade é cumprida, alguns sujeitos empreendem potencialização ao medo e, ainda, a fixação em algum determinante de risco que, pelo período de vida do sujeito, já deveria ter sido superado. É esse excedente de angústia que trai a presença do elemento neurótico.

É importante destacar que, dentro de cada estrutura, tem-se vários tipos de sintomas, sinais, arranjos psíquicos variados, etc. Não haveria, necessariamente, uma estrutura psíquica pura, pré-definida e sem interfaces com as outras. Desta forma, pode-se observar, dentro de uma estrutura neurótica, sintomas psicóticos, e vice-versa.

Por assim ser, não somos todos neuróticos. Mas estes são a maioria.

O que, então, diferenciaria as três estruturas? De forma breve, pode-se afirmar que a diferença está contida em uma posição diferente diante da lei e do desejo. O neurótico se posiciona de certa forma diante da lei e do desejo, principalmente no que diz respeito aos seus mecanismos (de defesa).

A partir daqui, pode-se observar que tanto o texto escolhido, quanto a análise que se pretende desenvolver no presente trabalho está diretamente voltado para os mecanismos de defesa utilizados pelos neuróticos, considerando ligação direta com o inconsciente.



Em uma primeira tópica, Freud emprega o conceito de inconsciente como se fosse o centro de nossa vida psíquica, conceituando que a instância inconsciente é o determinante de toda a nossa vida psíquica. O Inconsciente seria o '*dominante*'.

Segundo Freud, o Inconsciente surgiria a partir do nascimento – definiu como requisitos para a gênese do inconsciente a necessidade de um corpo físico, e da 'injeção' (investimento) do narcisismo dos cuidadores. Neste ponto, surgiria o psiquismo, que, em um primeiro momento, é todo inconsciente, uma enorme dimensão onde se originam a maioria dos nossos processos psíquicos, muitos dos quais formados por recalque, (recalque primário – impressões sensações experiências que fizeram marcas no nosso psiquismo, e nunca foram conscientes).

Seguindo as concepções freudianas, em contato com o mundo externo, vai se formando uma espécie de um calo – inconsciente com o mundo externo. Formar-se-ia, aí, a consciência, a noção do aqui e do agora.

Neste sentido, há que se referir que o sistema psíquico possui inúmeras forças (também chamadas de pulsões) que exercem pressão no próprio aparelho psíquico e, por ser tudo do inconsciente intenso e a consciência não suportar tanta intensidade, gera um deslocamento.

Ponto, de suma importância para Freud, a repressão (recalque, dependendo da tradução de sua obra, ou ainda da linha teórica que se siga), se dá quando uma representação, que insuportável para o pré-consciente/consciente, precisa retornar para o inconsciente – movimento que expulsa da consciência uma representação que é insuportável -, consistindo, aqui, no chamado recalque secundário.



O deslocamento, gerado pela pressão, se dá no sentido da falta. A falta é a básica, ela surge quando se descola da mãe – aqui se entendendo mãe como o da função cuidadora materna. Com este descolar, o sujeito não é mais um “*com a mãe*”, mas um “*sem a mãe*”¹. Essa é a falta.

De forma bem resumida, essa busca do que falta, ocasionando o deslocamento gerado pela pressão das pulsões é o que organiza o próprio do sistema psíquico. E é por meio dessa busca que se vive (estratégia de vida) - busca do objeto do desejo; desejo de tamponar a falta, com vários objetos, em várias direções.

A pulsão de vida (Eros) produz a pressão no aparelho, em busca do objeto de satisfação do desejo e disponibiliza para esse movimento de deslocamento uma energia/fora que é a libido (energia da pulsão de vida).

Neste olhar, são destinos da pulsão: retorno em direção a si mesmo, reversão ao oposto (ex.: ciúmes paranoico) -, recalque e sublimação – e até mesmo satisfação parcial do desejo.

Assim, resgatados, de forma sucinta, alguns conceitos psicanalíticos voltados para execução do presente artigo, passa-se, abaixo, a análise propriamente dita do texto.

Alguns Mecanismos Neuróticos nos Ciúmes, na Paranoia e no homossexualismo

Não há com analisar o texto ‘Alguns Mecanismos Neuróticos nos Ciúmes, na Paranoia e no Homossexualismo’ sem antes refletir um pouco sobre o que seria o ciúmes. O que seria o ciúmes? O medo da perda, medo do sofrimento causado pela perda?

¹ Grifo meu.



Para Freud, o ciúmes é um estado emocional, comparado ao luto. Não há como escapar da sensação de ciúmes. Para aqueles que alegam não ter ciúmes, Freud diz que poderão pagar um preço bem alto, uma vez que o ciúmes é uma sensação necessária em razão da relação com o investimento nos objetos, inerentes a qualquer organização psíquica. Ao se negar a existência do ciúmes, esta sensação é recalcada – empurrada ao inconsciente, gerando inúmeros efeitos.

Como se observa no texto, existem três graus (intensidades) de ciúmes:

O primeiro nível de ciúmes é denominado como Competitivo ('normal'). Consistiria em um pesar, um sofrimento pelo pensamento de perder o objeto amado, principalmente em detrimento da afetividade nos equivalentes objetos. Decorreria da ferida narcísica, podendo ser esboçada pela inimizade com o rival, ou ainda pelo alto grau de autocrítica (sintomas). Para Freud, o ciúmes é determinado por questões inconscientes relacionadas com nossa história psíquica (objetos amados, disputados, idealizados, rivalizados) que possui uma origem edípica - ciúmes em razão da disputa da Mãe, triangulação natural edípica. Pode ser vivido bissexualmente (ciúmes tanto da mãe, quanto do pai). Normalmente, é constatável no jogo entre o amor e a rivalidade (ódio) - relações ambíguas do neurótico (identificação com o rival).

O segundo nível de ciúmes é denominado como Projetado. Derivado, tanto em homens quanto em mulheres, dos próprios impulsos da infidelidade que foram, ou não, recalcados. É uma forma de defesa, de negar, de se proteger da infidelidade pessoal (mecanismo de defesa). Seria a negação natural – e inconsciente – do neurótico. Basta o impulso da infidelidade – e não vivê-la, necessariamente -, para que ocorra a projeção do ciúme (fantasia do neurótico):



Qualquer pessoa que negue essas tentações em si própria sentirá, não obstante, sua pressão tão fortemente que ficará contente em utilizar um mecanismo inconsciente para mitigar sua situação. Pode obter esse alívio - e, na verdade, a absolvição de sua consciência - se projetar seus próprios impulsos à infidelidade no companheiro a quem deve fidelidade. Esse forte motivo pode então fazer uso do material perceptivo que revela os impulsos inconscientes do mesmo tipo no companheiro e o sujeito pode justificar-se com a reflexão de o outro provavelmente não ser bem melhor que ele próprio. (Freud, 1921, pg. 238).

Na visão psicanalítica, a experiência da fidelidade só se mantém em face de tentações contínuas. Não se pode extirpar essas tentações – ele afirma que o impulso de infidelidade é um impulso humano: ‘É fato da experiência cotidiana que a fidelidade, especialmente aquele seu grau exigido pelo matrimônio, só se mantém em face de tentações contínuas.’ (Freud, 1921, pg. 238).

Deve-se, então, fazer algo com essas tentações. Negá-las produz uma pressão (decorrente do recalque), que vai buscar um alívio, uma ‘descarga’ (defesa do neurótico ao se absolver das próprias tentações, projetando, no companheiro/companheira, o ciúmes). Ora, ao negar-se o impulso de infidelidade, este se recalca, aumentando a pressão interna. Como válvula de escape, projeta-se o impulso da própria infidelidade como sendo um ciúmes no parceiro. É na fantasia das tentações que há o retorno ao objeto de desejo originário. Ele chega a firmar que pequenos flertes são suficientes para



tal retorno – pequenas excursões no sentido da infidelidade. Fantasiar no sentido de tais excursões seria uma forma de aliviar a pressão psíquica.

Contudo, destaca-se que uma pessoa ciumenta não tem muita tolerância a essas excursões do flerte, tanto no outro, como em si mesmo, mesmo que ocorra apenas na fantasia. O flerte pode ser entendido como uma infidelidade real para o neurótico

Uma pessoa ciumenta, contudo, não reconhece essa convenção da tolerância; não acredita existirem coisas como interrupção ou retorno, uma vez o caminho tenha sido trilhado, nem crê que um flerte possa ser uma salvaguarda contra a infidelidade real. No tratamento de uma pessoa assim, ciumenta, temos de abster-nos de discutir com ela o material em que baseia suas suspeitas; pode-se apenas visar a levá-la a encarar o assunto sob uma luz diferente” Alguns Mecanismos Neuróticos nos Ciúmes, na Paranoia e no Homossexualismo. (Freud, 1921, pg. 238).

Para tratar um ciumento, não se pode analisar o objeto do ciúmes, mas sim tentar descobrir, no próprio sujeito, qual a grande causa desse ciúmes. A implicação do sujeito com as próprias questões.

O último nível de ciúmes para Freud é denominado como *Delirante* e também tem origem nos impulsos recalçados. Também poderia ser chamado de projetivo, mas, o objeto do desejo, liga-se ao objeto do mesmo sexo, que sofreu um recalçamento. É uma questão homossexual convertida em uma paranoia, não necessariamente há a predominância do objeto homossexual como satisfação erótica. A amizade é um exemplo de desejo homossexual sublimado – ciúme na amizade.



A defesa contra esse forte impulso homossexual é “eu não o amo. Ela o ama”:

O ciúme delirante é o sobrante de um homossexualismo que cumpriu seu curso e corretamente toma sua posição entre as formas clássicas da paranoia. Como tentativa de defesa contra um forte impulso homossexual indevido, ele pode, no homem, ser descrito pela fórmula: ‘*Eu não o amo; é ela que o ama!*’ Num caso delirante deve-se estar preparado para encontrar ciúmes pertinentes a todas as três camadas, nunca apenas à terceira. (Freud, 1921, pg. 238).

Quanto a análise específica da paranoia de ciúmes, Freud diz se tratar, por consequência, da reversão ao oposto da pulsão. O exemplo utilizado por ele, no texto sob análise, é o da esposa imaculadamente fiel, suspeitada pelo marido. Tal suspeita ocorre quando o marido tem relações sexuais reciprocamente – e ‘incidentalmente’ - satisfatórias. Nesse exemplo, o marido fica com uma super percepção. Projeta o ciúme a cada indício – isso porque, segundo Freud, não há projeção no vazio. Projeta-se no outro (ciúmes), pois existe no próprio sujeito (questão homossexual), na grande maioria das vezes inconscientemente.

Freud analisa, ainda no texto, a Paranoia Persecutória. Neste caso, o sujeito espera, de todo mundo, ‘*amor*’. Todos teriam que gostar desse sujeito. Caso não haja este amor (indiferença), o sujeito entende e interpreta como ódio (relação de ambivalência do neurótico). Há, conseqüentemente, a projeção para que não haja o contato com tal ódio. Segundo Freud, na maioria dos casos, a pessoa mais amada do seu próprio sexo, torna-se o seu perseguidor (novamente aparado na ambivalência)



Recordamo-nos de que os que sofrem de paranoia persecutória agem exatamente da mesma maneira. Eles, também, não podem encarar nada em outras pessoas como indiferente e tomam indicações insignificantes que essas outras pessoas desconhecidas lhes apresentam e as utilizam em seus delírios de referência. O significado de seu delírio de referência é que esperam de todos os estranhos algo semelhante ao amor. No entanto essas pessoas não lhes demonstram nada desse tipo; riem consigo próprias, fazem floreios com as bengalas e até mesmo cospem no chão enquanto passam; e, na realidade, tais coisas não se fazem quando uma pessoa em que se tem um interesse amigável se acha perto. A não ser quando nos sentimos inteiramente indiferentes ao passante, quando se pode tratá-lo como se fosse ar e, considerando também o parentesco fundamental dos conceitos de 'estranho' e 'inimigo', o paranoico não se acha tão errado em considerar essa indiferença como ódio, em contraste com sua reivindicação de amor. (Freud, 1921, pg. 240).

Assim, Freud afirma que a paranoia é uma defesa contra o homossexualismo. Não contra a escolha de objeto sexual (homossexualidade), mas sim contra o caráter homossexual da pessoa² – exemplo: o sujeito que não é homofóbico é aquele que suporta o caráter homossexual e si próprio.

² Aqui, é importante diferenciar o que se interpretou do texto de Freud sobre homossexualismo, e homossexualidade. Enquanto Homossexualismo refere-se a uma questão psíquica, a homossexualidade relaciona-se à escolha de objeto erótico (sexual).



Na paranoia há um grande esforço para realizar uma super interpretação dos fatos reais (processo de racionalização para justificar o conteúdo paranoico).

Freud conclui que a paranoia reflete uma questão econômica: onde se investe? Onde se coloca a energia libidinal (a libido como um quanto, esgotável)? Haveria um equilíbrio de investimento quando este ocorresse em objetos internos e externos (investimento equitativo).

Na paranoia ocorre um movimento diametralmente oposto. Na medida em que aumenta a resistência (recalque) em razão de determinado conteúdo (questões homossexuais), haverá um incremento, em sentido oposto, da catexia em um objeto, na tentativa de esconder a questão que não pode vir à tona. Com essa hipercatexia, há um desequilíbrio do sistema psíquico, o que gera uma desorganização e, por conseguinte, os sintomas paranoicos.

Finalizando a análise do texto, para Freud, o homossexualismo masculino teria as seguintes possibilidades:

- intensa fixação na figura da mãe, tornando-se difícil o investimento em outra mulher (fixação em termos de investimentos da libido);
- escolha de objeto narcísico – a busca de um igual; auto valor do pênis e horror à vagina.
- medo / excesso de consideração do Pai (renuncia a todas as mulheres, uma vez que as mulheres seriam do pai);

Assim, uma última possibilidade pode ser considerada em função do ciúmes pela disputa da mãe com os irmãos. Impulsos ligados até a vontade de matar os irmãos hostis



e recalcados que se transformam em impulsos de amor para os do mesmo sexo (na citação de Freud, irmão mais velhos e homens).

Síntese do romance ‘Dom Casmurro’

Dom Casmurro foi publicado em 1900 (mesmo ano da obra freudiana a qual é considerada como marco da psicanálise: “A interpretação dos sonhos”), e é um dos romances mais conhecidos de Machado de Assis. Narra, em primeira pessoa, a estória de Bentinho que, por circunstância várias, vai se fechando em si mesmo e passa a ser conhecido como Dom Casmurro.

Órfão de pai, criado com desvelo pela mãe (D. Glória), protegido do mundo pelo círculo doméstico e familiar (tia Justina, tio Cosme, José Dias), Bentinho é destinado à vida sacerdotal, em cumprimento a uma antiga promessa de sua mãe.

A vida do seminário, no entanto, não o atrai – diferente do namoro com Capitu, filha dos vizinhos. Apesar de comprometida pela promessa, também D. Glória sofre com a ideia de separar-se do filho único, interno no seminário. Por expediente de José Dias, o agregado da família, Bentinho abandona o seminário e, em seu lugar, ordena-se um escravo.

Correm os anos e com eles o amor de Bentinho e Capitu. Entre o namoro e o casamento, Bentinho se forma em Direito e estreita a sua amizade com um ex-colega de seminário, Escobar, que acaba se casando com Sancha, amiga de Capitu.

Do casamento de Bentinho e Capitu nasce Ezequiel. Escobar morre e, durante seu enterro, Bentinho julga estranha a forma qual Capitu contempla o cadáver. A partir daí, os ciúmes vão aumentando e precipita-se a crise. À medida que cresce, Ezequiel se torna,



segundo Bentinho, cada vez mais parecido com Escobar. Bentinho, muito ciumento, chega a planejar o assassinato da esposa e do filho, seguido pelo seu suicídio, mas não tem coragem. A tragédia dilui-se na separação do casal.

Capitu viaja com o filho para a Europa, onde morre anos depois. Ezequiel, já moço, volta ao Brasil para visitar o pai, que, nas suas interpretações, apenas constata a semelhança entre e antigo colega de seminário. Ezequiel volta a viajar e morre no estrangeiro. Bentinho, cada vez mais fechado em suas dúvidas, passa a ser chamado de casmurro pelos amigos e vizinhos e põe-se a escrever de sua vida (o romance).

Breve análise psicanalítica da relação vivenciada por Bentinho, Capitu e Escobar

A quem se permite ler a rica obra de Machado de Assis, pode acompanhar, dentre vários sintomas do personagem principal – e narrador – um caso de ciúmes. E o ciúmes, como se observa pela síntese acima apontada, fora projetado em sua companheira, a bela Capitu – e também em seu filho Ezequiel -, tendo com terceiro integrante do triângulo amoroso Escobar – grande amigo de Bentinho (Dom Casmurro).

Transcrevem-se, abaixo, alguns excertos de alguns capítulos do citado romance que demonstram a ocorrência de tal ciúmes:

Capítulo CXXX / Um dia...

Por enquanto, um dia Capitu quis saber o que é que me fazia andar calado e aborrecido. E propôs-me a Europa, Minas, Petrópolis, uma série de bailes, mil desses remédios aconselhados aos melancólicos. Eu não sabia que lhe respondesse; recusei as diversões. Como insistisses



repliquei-lhe que os meus negócios andavam mal. Capitu sorriu para animar-me. E que tinha que andassem mal? Tornariam a andar bem, e até lá as joias, os objetos de algum valor seriam vendidos, e iríamos residir em algum beco. Viveríamos sossegados e esquecidos; depois tornaríamos à tona da água. A ternura com que me disse isto era de comover as pedras. Pois nem assim. Respondi-lhe secamente que não era preciso vender nada. Deixei-me estar calado e aborrecido. Ela propôs-me jogar cartas ou damas, um passeio a pé, uma visita a Mata-cavalos; e, como eu não aceitasse nada, foi para a sala, abriu o piano, e começou a tocar; eu aproveitei a ausência, peguei do chapéu e saí.

...Perdão, mas este capítulo devia ser precedido de outro, em que contasse um incidente, ocorrido poucas semanas antes, dous meses depois da partida de Sancha. Vou escrevê-lo; podia antepô-lo a este antes de mandar o livro ao prelo, mas custa muito alterar o número das páginas; vai assim mesmo, depois a narração seguirá direita até o fim. Demais, é curto.

Capítulo CXXXI / anterior ao anterior

Foi o caso que a minha vida era outra vez doce e plácida, a banca do advogado rendia-me bastante, Capitu estava mais bela, Ezequiel ia crescendo. Começava o ano de 1872.

--Você já reparou que Ezequiel tem nos olhos uma expressão esquisita? perguntou-me Capitu. Só vi duas pessoas assim, um amigo de papai e o



defunto Escobar. Olha, Ezequiel; olha firme, assim, vira para o lado de papai, não precisa revirar os olhos, assim, assim ...

Era depois de jantar, estávamos ainda à mesa, Capitu brincava com o filho, ou ele com ela, ou um com outro, porque, em verdade, queriam-se muito, mas é também certo que ele me queria ainda mais a mim. Aproximei-me de Ezequiel, achei que Capitu tinha razão; eram os olhos de Escobar, mas não me pareceram esquisitos por isso. Afinal não haveria mais que meia dúzia de expressões no mundo, e muitas semelhanças se dariam naturalmente. Ezequiel não entendeu nada, olhou espantado para ela e para mim, e afinal saltou-me ao colo:

--Vamos passear, papai?

--Logo, meu filho.

Capitu, alheia a ambos, fitava agora a outra borda da mesa; mas, dizendo-lhe eu que, na beleza, os olhos de Ezequiel saíam aos da mãe, Capitu sorriu abanando a cabeça com um ar que nunca achei em mulher alguma, provavelmente porque não gostei tanto das outras. As pessoas valem o que vale a afeição da gente, e é daí que mestre Povo tirou aquele adágio que quem o feio ama bonito lhe parece. Capitu tinha meia dúzia de gestos únicos na terra. Aquele entrou-me pela alma dentro. Assim fica explicado que eu corresse à minha esposa e amiga e lhe enchesse a cara de beijos; mas este outro incidente não é radicalmente necessário à compreensão do capítulo passado e dos futuros; fiquemos nos olhos de Ezequiel.



Capítulo CXXXII / O debuxo e o colorido

Nem só os olhos, mas as restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa inteira, iam-se apurando com o tempo. Eram como um debuxo primitivo que o artista vai enchendo e colorindo aos poucos, e a figura entra a ver, sorrir, palpitar, falar quase, até que a família pêndula o quadro na parede, em memória do que foi e já não pode ser. Aqui podia ser e era. O costume valeu muito contra o efeito da mudança; mas a mudança fez-se, não à maneira de teatro, fez-se como a manhã que aponta vagarosa, primeiro que se possa ler uma carta, depois lê-se a carta na rua, em casa, no gabinete, sem abrir as janelas; a luz coada pelas persianas basta a distinguir as letras. Li a carta, mal a princípio e não toda, depois fui lendo melhor. Fugia-lhe, é certo, metia o papel no bolso, corria a casa, fechava-me, não abria as vidraças, chegava a fechar os olhos. Quando novamente abria os olhos e a carta, a letra era clara e a notícia claríssima.

Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo para se sentar comigo à mesa, receber-me na escada, beijar-me no gabinete de manhã, ou pedir-me à noite a bênção do costume. Todas essas ações eram repulsivas; eu tolerava-as e praticava as, para me não descobrir a mim mesmo e ao mundo. Mas o que pudesse dissimular ao mundo, não podia fazê-lo a mim, que vivia mais perto de mim que ninguém. Quando nem mãe nem filho estavam comigo o meu desespero era grande, e eu jurava matá-los a ambos, ora de golpe, ora devagar, para



dividir pelo tempo da morte todos os minutos da vida embaçada e agoniada. Quando, porém, tornava a casa e via no alto da escada a criaturinha que me queria e esperava, ficava desarmado e diferia o castigo de um dia para outro.

O que se passava entre mim e Capitu naqueles dias sombrios, não se notará aqui, por ser tão miúdo e repetido, e já tão tarde que não se poderá dizê-lo sem falha nem canseira. Mas o principal irá. E o principal é que os nossos temporais eram agora contínuos e terríveis.

Antes de descoberta aquela má terra da verdade, tivemos outros de pouca dura; não tardava que o céu se fizesse azul, o sol claro e o mar chão, por onde abríamos novamente as velas que nos levavam às ilhas e costas mais belas do universo, até que outro pé de vento desbaratava tudo, e nós, postos à capa, esperávamos outra bonança, que não era tardia nem dúvida, antes total, próxima e firme.

Releva-me estas metáforas; cheiram ao mar e à maré que deram morte ao meu amigo e comborço Escobar. Cheiram também aos olhos de ressaca de Capitu. Assim, posto sempre fosse homem de terra, conto aquela parte da minha vida, como um marujo contaria o seu naufrágio.

Já entre nós só faltava dizer a palavra última; nós a líamos, porém, nos olhos um do outro, vibrante e decisiva, e sempre que Ezequiel vinha para nós não fazia mais que separar-nos. Capitu propôs metê-lo em um colégio, donde só viesse aos sábados; custou muito ao menino aceitar esta situação.



--Quero ir com papai! Papai há de ir comigo! bradava ele.

Fui eu mesmo que o levei um dia de manhã, uma segunda-feira. Era no antigo Largo da Lapa, perto da nossa casa. Levei-o a pé, pela mão, como levava o ataúde do outro. O pequeno ia chorando e fazendo perguntas a cada passo, se voltaria para casa, e quando, e se eu iria vê-lo...

--Vou. --Papai não vai! --Vou sim. --Jura, papai! --Pois sim. --Papai não diz que jura. --Pois juro.

E lá o levei e deixei. A ausência temporária não atalhou o mal, e toda a arte fina de Capitu para fazê-lo atenuar, ao menos, foi como se não fosse; eu sentia-me cada vez pior. A mesma situação nova agravou a minha paixão. Ezequiel vivia agora mais fora da minha vista; mas a volta dele, ao fim das semanas, ou pelo descostume em que eu ficava, ou porque o tempo fosse andando e completando a semelhança, era a volta de Escobar mais vivo e ruidoso. Até a voz, dentro de pouco, já me parecia a mesma. Aos sábados, buscava não andar em casa e só entrar quando ele estivesse dormindo; mas não escapava ao domingo, no gabinete, quando eu me achava entre jornais e autos. Ezequiel entrava turbulento, expansivo, cheio de riso e de amor, porque o demo do pequeno cada vez morria mais por mim. Eu, a falar verdade, sentia agora uma aversão que mal podia disfarçar, tanto a ela como aos outros. Não podendo encobrir inteiramente esta disposição moral, cuidava de me não fazer encontradiço com ele, ou só o menos que pudesse; ora tinha trabalho que me obrigava



a fechar o gabinete, ora saía ao domingo para ir passear pela cidade e arrabaldes o meu mal secreto. (Assis, 1996, pp.139/141)

É evidente, nesses excertos, a alteração da postura de Bentinho com sua esposa e filho.

O estar 'calado e aborrecido', a constante rejeição de estar com sua eterna amada (recusando viagens, passeios, etc.), a semelhança de seu filho atribuída ao amigo falecido, ocasionando a indiferença daquele com este último, são reflexos do ciúmes sentido pelo personagem principal do romance.

E a gênese do ciúmes sentido por Bentinho na narrativa pode ser notado no capítulo da morte de Escobar, pela reação de Capitu diante de seu cadáver:

Capítulo CXXIII / Olhos de ressaca

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha



também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.” (Assis, 1996, pp.134/135)

Mas, qual seria o nível de ciúmes de Bentinho? Competitivo, projetado ou delirante? Seria paranoia? Qual seria a melhor hipótese que justificaria a ocorrência desse ciúmes no personagem/narrador?

A hipótese do ciúmes competitivo não aparenta ser a mais correta para o caso em análise.

Como se observa em vários excertos da obra, não havia uma plausível rivalização entre Bentinho e Escobar. Pelo contrário: no caso deles, havia uma grande e declarada amizade – e não uma inimizade, normalmente constatável nos casos desse nível de ciúmes -, o que poderia, até mesmo demonstrar uma sublimação de um desejo homossexual sublimado.

Não se constataria, assim, um sofrimento pelo pensamento de perder o objeto amado (Capitu), principalmente, pois tal sintoma ter surgido quando não haveria mais grandes oportunidades de se rivalizar, haja vista o falecimento de Escobar.

Na mesma linha, não se pode ter tanta certeza quanto a hipótese de se tratar de um ciúmes delirante - o objeto do desejo ligado ao objeto do mesmo sexo, que sofreu um recalçamento: ‘Eu não o amo. É ela que o ama’.

Isso, em razão de um real delírio em que Bentinho se vê contido na parte final do romance.



É importante destacar, no próprio capítulo – ‘Olhos de Ressaca’ -, a presença de características paranoica, principalmente pelo grande esforço do Bentinho em realizar uma super interpretação dos fatos reais (processo de racionalização para justificar o conteúdo paranoico – no caso, na interpretação dos sinais e expressões de Capitu no enterro do Escobar).

Contudo, há dois elementos que fazem predominar a hipótese de não se tratar de um caso de ciúmes Delirante, nem de uma paranoia.

Inicialmente, pela forte amizade havida entre Bentinho e Escobar – sublimação do desejo homossexual -, bem como a inexistência, no romance, da gênese desse ciúmes enquanto Escobar estava vivo.

Por assim ser, entende-se o caso do romance como sendo o de um ciúmes projetado.

Resgatando o que foi acima exposto, no ciúmes projetado, são os próprios impulsos da infidelidade, que foram, ou não, recalcados, que são projetados no outro.

E, como visto, bastaria o impulso da infidelidade – e não, necessariamente vivê-la, para que ocorra a projeção do ciúme (fantasia do neurótico).

Neste sentido, pode-se afirmar que a causa desse ciúme projetado por Bentinho foram seus próprios impulsos de infidelidade havidos (fantasiados) com a esposa de seu amigo, Sancha.

Tais impulsos chegaram, até mesmo, a consciência de Bentinho, como representações eróticas que delatam, na sensação do aperto de mão, o desejo do ato sexual, como se observa no excerto abaixo transcrito



Capítulo CXVIII / A mão de Sancha

Quando saímos, tornei a falar com os olhos à dona da casa. A mão dela apertou muito a minha, e demorou-se mais que de costume (...) Senti ainda os dedos de Sancha entre os meus, apertando uns aos outros. Foi um instante de vertigem e de pecado. Passou depressa no relógio do tempo; quando cheguei o relógio ao ouvido, trabalhavam só os minutos da virtude e da razão.

O retrato de Escobar, que eu tinha ali, ao pé do de minha mãe, falou-me como se fosse a própria pessoa. Combati sinceramente os impulsos que trazia do Flamengo, rejeitei a figura da mulher do meu amigo, e chamei-me desleal. Demais, quem me afirmava que houvesse alguma intenção daquela espécie no gesto da despedida e nos anteriores? Tudo podia ligar-se ao interesse da nossa viagem. Sancha e Capitu eram tão amigas que seria um prazer mais para elas irem juntas. Quando houvesse alguma intenção sexual, quem me provaria que não era mais que uma sensação fulgurante, destinada a morrer com a noite e o sono? Há remorsos que não nascem de outro pecado, nem têm maior duração. Agarrei-me a esta hipótese que se conciliava com a mão de Sancha, que eu sentia de memória dentro da minha mão, quente e demorada, apertada e apertando... (Assis, 1996, pp. 131/133)

Bentinho declara ter combatido com esforço seus impulsos, reprimindo-os conscientemente. Sente-se mal, ao mesmo tempo que tenta ocultar de todos desvela-o



em seu romance, denotando a necessidade de movimento catártico deste sentimento que deslocou-se para todo um resto de vida e que afetou suas relações sociais e íntimas.

Capítulo CXXIX / A D. Sancha

D. Sancha, peço-lhe que não leia este livro; ou, se o houver lido até aqui, abandone o resto. Basta fechá-lo; melhor será queimá-lo, para lhe não dar tentação e abri-lo outra vez. Se, apesar do aviso, quiser ir até o fim, a culpa é sua; não respondo pelo mal que receber. O que já lhe tiver feito, contando os gestos daquele sábado, esse acabou, uma vez que os acontecimentos, e eu com eles, desmentimos a minha ilusão; mas o que agora a alcançar, esse é indelével. Não, amiga minha, não leia mais. Vá envelhecendo, sem marido nem filha, que eu faço a mesma cousa, e é ainda o melhor que se pode fazer depois da mocidade. Um dia iremos daqui até à porta do céu, onde nos encontraremos renovados, como as plantas novas, come piante novelle,

Rinovellate di novelle fronde.

O resto em Dante (Assis, 1996, pp.138/139)

Desta forma, conclui-se que a melhor hipótese de classificação do ciúmes de Bentinho é a do ciúmes projetado, haja vista a defesa decorrente da insuportabilidade de seus próprios impulsos infiéis, chegando, até mesmo a pedir que o romance não seja lido pela esposa de Escobar, para que não se tornasse 'mais consciente ainda' os seus 'atos próprios' de infidelidade.



Referência

Assis, M. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Ediouro S. A., 1996;

Freud, S. (1921). Alguns Mecanismos Neuróticos nos Ciúmes, na Paranoia e no Homossexualismo. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud) vol. XVIII.

_____ (1895) Neuropsiconeuroses de defesa. ESB, Obras Completas, vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1896) Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa. ESB, Obras Completas, vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1898) A sexualidade na etiologia das neuroses. ESB, Obras Completas, vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1905) Três ensaios sobre a sexualidade. ESB, Obras Completas, vol. IV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Laplanche, J. Pontails, *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.